



Editorial

Dossiê *Beethoven 250 anos: diálogos*

Organização: Henry Burnett

Quando a chamada para este dossiê foi lançada, estávamos no início do período de isolamento social. Os efeitos dessa circunstância foram sentidos em todos os níveis e estratos, especialmente pelos cidadãos em franca situação de vulnerabilidade social. Mas a pandemia também atingiu em cheio a universidade e tudo que funciona em torno dela, notadamente os alunos naquela situação, mas toda a estrutura de funcionamento foi afetada, o que incluiu as revistas acadêmicas.

Recebemos diversas manifestações favoráveis ao dossiê comemorativo dos 250 anos de nascimento do compositor Ludwig van Beethoven, mas junto com esses apoios e felicitações também muitas negativas e pedidos de desculpas, a maioria justificada pela impossibilidade de se pensar e escrever sobre música neste momento de suspensão do futuro. Foi preciso flexibilizar o prazo final de submissões e aguardar até que pudéssemos considerar o dossiê suficientemente estruturado.

Por tudo isso, só podemos nos alegrar ao colocar no ar esta edição da revista *Limiar* na forma em que ela se apresenta ao leitor interessado. O conjunto de textos e contribuições impressiona pela qualidade, mas um dado salta aos olhos: o alto nível das contribuições se anuncia, como era de se esperar, nos trabalhos de pesquisadores reconhecidos na área de filosofia da música, mas a qualidade e a maturidade das abordagens sobre o tema podem também ser reconhecidas sem esforço nas contribuições dos pesquisadores mais jovens. A unidade que essa combinação produziu, inclusive através de citações mútuas, deve tornar o dossiê uma referência para os que pensam na e através da obra de Beethoven.

A música, como sempre, ao invés de simplesmente nos entreter, como se espera dela não raras vezes, acaba por nos mobilizar em torno dos problemas que se refletem através de sua história e de seus compositores. Foi o que parece ter acontecido com os pesquisadores que nos enviaram suas colaborações. Como o leitor perceberá, os artigos exploram a obra de Beethoven a partir de diferentes abordagens. Mas prevalece, em todas elas, a *primazia do objeto*, para falar como Adorno, já que ao longo do dossiê o leitor poderá constantemente reencontrar a obra de Beethoven, 250 anos depois de seu nascimento.

Jorge de Almeida e Eduardo Socha, por exemplo, trabalham quase sempre no limite entre a estética e a análise formal das obras musicais, um par que tanto auxilia o leitor a compreender o alcance da obra do compositor em sua relação com outros compositores e filósofos, quanto auxilia os leigos a penetrar nos domínios da partitura sem temer qualquer tipo de incompreensão ou entrave; em ambos os casos a análise formal está a serviço dos leitores e age como elemento esclarecedor, um mérito inegável dos autores. Se a sinfonia nº 3, a *Eroica* de Beethoven, é um dos pontos de contato entre os dois textos, Adorno é a referência incontornável – e serve como introdução às várias formas de aproximação que virão, também com Adorno direta ou indiretamente atravessando os textos, o que mostra ainda hoje a força de sua crítica.

Esse é o caso do artigo de Ernani Chaves, que opta por revisitar o *Doutor Fausto*, de Thomas Mann. Trata-se do artigo que aproxima literatura e filosofia de modo mais próximo em todo o dossiê, sobretudo a partir de uma recuperação da influência decisiva de Adorno em momentos fundamentais da elaboração do romance de Mann. De várias maneiras o texto de Bruna Batalhão dialoga com o texto do professor Ernani a partir de sua reflexão sobre o estilo tardio de Beethoven. Recuperando diversos textos de Adorno, a pesquisadora vai fundo na investigação sobre a transição entre o Beethoven médio, pensado à luz do serialismo, e o estilo tardio, onde se encontra indiretamente com o texto sobre o *Doutor Fausto*, tendo o opus 127 como pano de fundo.

Os artigos de Márcio Benchimol e Micael Rosa Silva, cada um a seu modo, exploram a incontornável relação entre Nietzsche e Wagner, demonstrando a importância de se compreender as diferentes formas de interpretação do legado de Beethoven na obra dos dois grandes opositores. Benchimol, exímio leitor da obra do jovem Nietzsche, aposta num recorte de precisão, explorando a sentença de Nietzsche em *O caso Wagner*, onde afirma que Schopenhauer revelou a Wagner sua própria decadência. Enquanto isso, Raposo refaz o percurso do lugar de Beethoven no conjunto da obra de Nietzsche, mobilizando um vasto leque de obras, com fôlego

digno de nota. Seu artigo cumpre uma tarefa árdua, mas necessária, sobretudo para os pesquisadores que vierem a procurar essas indicações em um texto que tem tudo para se tornar uma referência.

Reginaldo Rodrigues Raposo dedica seu artigo à articulação da *Estética* de Hegel com as contribuições críticas sobre a música, a partir de sua relação com a obra de Beethoven. Tomando como referência a obra do musicólogo Carl Dahlhaus, o autor pretende recolocar a música como arte singular no conjunto da filosofia hegeliana. A tarefa, como se pode imaginar, é das mais complexas, por isso seu artigo ocupa lugar de destaque no dossiê, pela especificidade do recorte e abrangência da pesquisa.

Lutti Mira e Felipe Ribeiro enriqueceram sobremaneira o dossiê ao traduzir um texto do compositor e também crítico musical Robert Schumann, “Monumento para Beethoven”, diretamente do alemão. Fica aqui o profundo agradecimento dos editores pela fundamental contribuição.

O texto do professor Christoph Türcke, que abre o dossiê, merece um comentário à parte, pois de fato trata-se de uma contribuição singular. O opúsculo foi lido pelo próprio Türcke no *Museum der bildenden Künste Leipzig* (Museu de Belas Artes de Leipzig), em frente ao famoso monumento *Beethoven*, de Max Klinger. A leitura antecedeu a execução do opus 127, de Beethoven, pelo Quarteto Grieg – mais uma obra que se cruza com outros textos deste dossiê. Max Klinger morreu em 1920, e o centenário de sua morte está sendo celebrado em 2020 pelo mesmo museu que abriga a imponente escultura de Beethoven, mas também outras obras suas. Sem que nos déssemos conta no primeiro momento, a generosa contribuição do professor Türcke também resultou em uma homenagem ao escultor, além de servir como o mais belo convite a ouvir e ver Beethoven. Seu texto é um primor de análise musical e plástica, e sua entrada no dossiê um presente.

Em uma época de recrudescimento da grosseria, o dossiê *Beethoven 250 anos: diálogos* espera seguir na contramão, mostrando que vozes dissonantes podem formar uma harmonia coesa e alvissareira, tendo a música de Beethoven como exemplo supremo de beleza e perenidade. Sua obra, 250 anos depois de seu nascimento, permanece uma das maiores contribuições da humanidade, e talvez seja um dos poucos exemplos que nos permite seguir acreditando em sua continuidade.

A organização do dossiê contou com o apoio fundamental do grupo dos Seminários de Pós-Graduação: Modernidade e História Cultural, especialmente com as contribuições de Hugo Vedovato, Leonardo Silva, Lucas Carvalho e Gabriel Herkenhoff, aos quais agradeço pelo trabalho conjunto. Deixo meu agradecimento pelo apoio sempre

imprescindível dos meus colegas Luciano Gatti e Francisco De Ambrosio Pinheiro Machado. Por fim, agradeço especialmente a todos os autores deste dossiê pela confiança e gentileza.